

PENTECOSTALISMO LÍQUIDO: FLUIDEZ TEOLÓGICA ENTRE OS PENTECOSTALISMOS

Claiton Ivan Pommerening¹

RESUMO

Este artigo aborda a neopentecostalização do pentecostalismo e lhe aponta possíveis caminhos para evitar sua diluição diante de novas (e antigas) demandas religiosas no contexto brasileiro. Traça um perfil comparativo entre as duas formas de pensar elementos importantes da fé, com suas aproximações e desencontros e aponta para possíveis caminhos que o pentecostalismo poderá tomar para se adaptar aos novos tempos sem perder sua relevância e sua Teologia devocional que perpassa todos os âmbitos da vida e toca no mais profundo do ser.

Palavras-chave: Pentecostalismo; neopentecostalismo; religiosidade; teologia pentecostal; teologia devocional.

¹ Claiton Ivan Pommerening é casado com Thaís Andrea Pommerening e tem duas filhas: Letícia e Thaine. É doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Possui mestrado em Teologia pela EST (2008), graduação em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix/Faculdade Evangélica de Teologia - FATE (2009), graduação em Ciências Contábeis pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1990). Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do NEPP – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo. Presidente do CEEDUC – Associação Centro Evangélico de Educação Cultura e Assistência Social em Joinville (SC); diretor da Faculdade Refidim; editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441) e pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC).

INTRODUÇÃO

A “terceira onda”² do pentecostalismo, assim categorizada por Paul Freston³, também denominada “isopentecostalismo”⁴ por Campos, teve início no Brasil a partir da década de 1970 e tem como seus principais representantes igrejas como Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Igreja Mundial do Poder de Deus (1998), todas surgidas ao longo de três décadas. Para diferenciá-las do pentecostalismo são denominadas de neopentecostais⁵. Elas trazem em seu conteúdo, com algumas exceções, similaridades litúrgicas, teológicas e sociais, como: forte uso da mídia televisiva dando visibilidade e promovendo o marketing dos milagres, personalismo de seu líder principal, assimilação da religiosidade afro nos ritos ao mesmo tempo em que no discurso tem forte rejeição aos mesmos, intenso uso de objetos cúlticos e motivadores da fé, capacidade de atrair indivíduos marginalizados por outras igrejas ou pelas atividades básicas do estado, hipervalorização de textos do Antigo Testamento e sua alegorização, promessas de milagre imediato, cultos adaptados ao perfil de vários adeptos, forte mediação sacerdotal, desenvolvimento de crendices assimiladas pelo catolicismo popular, capacidade de angariar recursos financeiros, tentativa de causar

² Esta categorização é questionada por alguns estudiosos, pois não reflete mais o atual movimento neopentecostal. Este se tornou multifacetado e ao invés de ondas, poderiam ser denominados de marolas neopentecostais, tal a diversidade de ênfases, nuances e novas tendências que este movimento assumiu.

³ FRESTON, Paul. Breve histórico do Pentecostalismo no Brasil. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70-72.

⁴ CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2002. p. 73.

⁵ Dentro deste grupo ainda se enquadram: Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Ministério Internacional da Restauração, Ministério Nova Jerusalém, Igreja Batista da Lagoinha, Igreja Paz e Vida, Igreja de Nova Vida, Bola de Neve Church, e centenas de outros pequenos movimentos regionalizados.

escândalos na mídia para rivalizar com outras igrejas e uso da retórica nos sermões.

Estas características têm influenciado e mudado o rosto do pentecostalismo no Brasil. Algumas igrejas cuja linha teológica era anteriormente chamada de Pentecostalismo Clássico⁶, agora se veem inclinadas a repetir, embora muitas vezes veladamente, algumas das práticas neopentecostais acima descritas. Este fenômeno é a repetição daquilo que algumas igrejas históricas fizeram em relação ao pentecostalismo, se pentecostalizaram, assimilando esta liturgia e a ênfase no batismo no Espírito Santo e nos dons. Esta rotinização demonstra a volatilidade religiosa presente na religiosidade brasileira e na pós-modernidade, em que as espiritualidades encontram-se diluídas e volúveis na medida em que vão surgindo novas formas de religiosidade.

1 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

Para compreender as aproximações e distanciamentos entre pentecostalismo e neopentecostalismo é preciso compreender quais são as principais diferenciações entre eles. No quadro exposto adiante se observam algumas situações.

Questões	Pentecostalismo	Neopentecostalismo
Debilidades Humanas	A carne	Os demônios
Pecado	Ênfase no arrependimento	Ausência de culpa humana
Objetivos principais	O celestial	A prosperidade material
Sufrimento	Pedagogia divina (Jó)	Falta de fé

⁶ São as igrejas que, na categorização de Paul Freston, pertencem à primeira onda do pentecostalismo no Brasil: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus.

Questões	Pentecostalismo	Neopentecostalismo
Doenças	Propósito e permissão de Deus com crença na cura	Diabólica
Ascese	Usos e costumes	Ausência
Esperança	“já agora” e “ainda não”	Sim ao “já” e não ao “ainda não”
Soberania	De Deus	Do homem
Experiência pessoal	Arrependimento/ruptura	Alcance da benção
Prática de vida	A vontade de Deus	Necessidades humanas
Trabalho dos membros	Envolvimento	Consumir bens simbólicos
Jesus	Senhor e Salvador	Salvador e Provedor
Espiritismo	Distanciamento	Assimilação x repúdio
Teologia	Da santidade/da glorificação	Da prosperidade
Salvação e cura	Pela graça com regras	Sacrifício financeiro
Dízimos e ofertas	Mandamento divino	Moeda de troca
Exemplos de Vida	Jesus/NT	Abraão/AT
Membresia	Comunhão	Flutuante/volátil
Bíblia	Literalidade	Parcialidade, uso e negação
Fieis	Discípulos	Contribuintes/consumidores
Púlpito	Lugar santo	Teatralidade
Pastor/líder	Anjo/homem de Deus	Mediador
Cultos/liturgia	Espontaneidade	Programa de auditório/teatralizada

Obviamente que algumas questões pentecostais foram idealizadas na forma como se compreendia quando do início do movimento no Brasil, antes de começar a sofrer influência neopentecostal. Entretanto hoje se percebe que a linha que separa o pentecostalismo do neopentecostalismo,

em alguns itens, é muito tênue, o que leva a perguntar sobre a capacidade do pentecostalismo manter-se firme em suas tradições primordiais. Não é preciso muita perspicácia para perceber que em algumas situações esta assimilação⁷ neopentecostal tem se mostrado forte. Quando de sua não assimilação, em algumas poucas situações, tem-se percebido um apego vigoroso à observância dos usos e costumes. Certamente existem muitas situações em que o pentecostalismo tem feito uma boa transição, no sentido teológico, caminhando para aberturas positivas e assimilação tranquila dos novos tempos do pós-modernismo, sem comprometer sua teologia ortodoxa⁸.

Apesar da liderança principal da Assembleia de Deus no Brasil se considerar teologicamente monolítica, cada vez mais se está caminhando para uma neopentecostalização do pentecostalismo, pois, como a maioria dos líderes não tem formação teológica, acabam não tendo sustentação teórica para discernir, criticar ou diferenciar uma da outra. Embora o discurso seja de contrariedade ao neopentecostalismo à prática litúrgica e pastoral sempre mais evidencia a assimilação destas tendências.

2 OS RUMOS QUE O PENTECOSTALISMO SEGUE

A aproximação ao neopentecostalismo não é de toda prejudicial, pois acaba criando melhores condições do pentecostalismo continuar atraindo

⁷ Um caso emblemático foi objeto de estudo de caso conforme: CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. **Azusa Revista de Estudos Pentecostais, Joinville**, vol. II, nº 2, p. 7-28, jul. 2011.

⁸ Chamar a Teologia pentecostal de ortodoxa é, em certo sentido, duvidoso, pois sua cristalização, em boa medida, se dá a partir da oralidade e muitas vezes conforme entendimento de seu líder local, ou ainda, da formatação eclesiológica local, assim, embora tenha uma matriz comum, pode sofrer variações relevantes, conforme: POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, vol. I, nº 1, p. 23-62, jul. 2010.

os pobres e marginalizados, que com o discurso da prosperidade, libertação e cura acabam sendo conquistados. Entretanto, há que se considerar que o aumento do número dos “sem religião”⁹ no Brasil, no último senso do IBGE/2010¹⁰, especialmente em estados com maior presença neopentecostal, pode apontar para uma possível decepção religiosa¹¹ como consequência de promessas da Teologia da Prosperidade que não puderam ser cumpridas.

Não se sabe até quando o movimento neopentecostal terá êxito se continuar com a atual abordagem teológica. Com o aumento do nível de escolaridade do povo brasileiro e a migração das classes sociais pobres para a classe média, certamente será interditado este fluxo, entretanto, enquanto houver volatilidade na membresia destas igrejas estará garantido este tipo de abordagem teológica. Em se confirmando a evasão dos “sem religião” por motivos de frustração, ter-se-á certamente um acréscimo considerável nesta categoria religiosa. Contrariamente a esta hipótese se verifica que algumas igrejas neopentecostais tem tido sucesso na classe média, mas esta constatação certamente se dá pelo desejo destes de usarem da religião para angariar ainda mais recursos financeiros e posições sociais.

Esta constatação de uma possível frustração eclesiológica pode ser consequência das igrejas neopentecostais¹² apresentarem, em sua maioria,

⁹ Em 30 anos foram de 1,9% (1980) para 8% em 2010. MENCHEN, Denise; BRISOLLA, Fabio. Católicos passam de 93,1% para 64,6% da população aponta IBGE. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1112382-catolicos-passam-de-931-para-646-da-populacao-em-50-anos-aponta-ibge.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

¹⁰ MENCHEN, Denise; BRISOLLA, Fabio. Católicos passam de 93,1% para 64,6% da população aponta IBGE. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1112382-catolicos-passam-de-931-para-646-da-populacao-em-50-anos-aponta-ibge.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

¹¹ 23,9% dos “sem religião” vieram do pentecostalismo, conforme: BARTZ, Alessandro. Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas. In: Congresso Internacional da Faculdades EST, 2012, São Leopoldo. Anais do I Congresso de Teologia da Faculdades EST. São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. p. 266.

as seguintes falhas: não conseguirem consolar nem confortar as pessoas quando estão em extrema dificuldade e angústia, pois suas respostas são equivocadas; tentarem manipular a divindade entrando no campo da magia; afirmarem que o sofrimento, carência ou pobreza é falta de fé; que Deus nunca pode dizer não a oração de seus filhos; gera consumidores de religião nas prateleiras do supermercado gospel; apegam-se a interpretações letristas e/ou alegóricas do texto (e neste sentido a letra mata¹³) sem atender para o Espírito do texto; têm o megalomaniaco desejo de dominar o Brasil política, midiática e templisticamente¹⁴; enfatizam a barganha com Deus na base de trocas simbólicas; a necessidade de sacrifício financeiro para atingir o coração de Deus, o que enfraquece a graça que há na morte vicária de Cristo; e criam falsas curas e exorcismos midiáticos em meio a uma pequena proporção de curas reais e sintomáticas.

A prática de interpretação bíblica de revalorização do Antigo Testamento faz com que personagens deste contexto sejam reinterpretados e ressignificados, gerando novos arquétipos religiosos contemporâneos. Em certo sentido pode-se afirmar que o Deus do AT com suas formas de ser adorado e venerado, assume agora o caráter de ‘Deus Mercado’ em que este dita as normas para ser corretamente ‘adorado’ para obter seu favor. Assim, o dinheiro assume caráter sagrado de oferta-sacrifício a ser oferecido sobre o altar do holocausto, realizando trocas simbólicas para merecer o favor de Deus. Desta forma, volta-se para a religiosidade primitiva da magia, em que a ira da divindade, para abençoar as colheitas ou evitar doenças, teria que ser aplaca através de sacrifícios e oferendas.

¹² Incluindo as igrejas pentecostais que imitam, mesmo não admitindo, estas práticas.

¹³ “Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do

¹⁴ Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica.” 2 Co 3.6 NVI. Trata-se dos grandes projetos arquitetônicos de erguer suntuosos templos. A ênfase megalomaniaca se verifica também nos nomes das principais igrejas: “Universal”, “Internacional” e “Mundial”.

Este modelo de religiosidade encontrou na economia de mercado globalizada um ambiente extremamente fértil e criativo, onde é melhor quem mais consome ou usufrue do maior número de bens religiosos (ou demonstra maior quantidade de bênçãos alcançadas), premissas estas que correspondem ao capitalismo, que somente sobrevive com consumismo, endividamento, acumulação, individualismo, sobrevivência do melhor e valores utilitaristas. Assim Deus passa a ser objeto de consumo, tornando-se a globalização a mola mestra da teologia da prosperidade, que como aquela, opera na base da cobiça e da inveja.

Quando se atrela religiosidade com prosperidade está-se sugerindo às pessoas que as duas coisas são inseparáveis, portanto, não ser próspero, perder os bens ou estar doente é sinônimo de falta de Deus – ou Deus se omitiu em atender os seus filhos (o que causa frustração) ou aos seus filhos, que a esta altura não são mais filhos seguindo esta lógica, faltou fé. Assim, Deus só pode ser adorado nestas igrejas enquanto tem capacidade de dar alguma coisa, gerando-se um discipulado raso que sucumbe facilmente aos percalços da vida.

Certamente que estes elementos apontados anteriormente, e que fazem parte do cenário neopentecostal, não estão presentes, na maioria das vezes, de maneira explícita, no meio pentecostal, entretanto, são percebidas de maneira mais clara, nas pregações e abordagens de ensino e nas conversas informais de muitos líderes pentecostais, especialmente onde existe a preocupação em satisfazer necessidades mercadológicas¹⁵, incorporando-as à vida religiosa.

3 ALTERNATIVAS DO PENTECOSTALISMO

Propõe-se a seguir algumas alternativas que o pentecostalismo clássico poderá adotar, sem abrir mão da contextualidade que os tempos exi-

¹⁵ Não há espaço neste artigo para refletir sobre as formas mercantilizadas com que as igrejas são administradas.

gem, diante das propostas teológicas que o neopentecostalismo procura impor.

3.1 Pregação cristocêntrica

A ênfase na teologia exposta no Novo Testamento se diferencia das propostas neopentecostais, por isso a necessidade de apelar para símbolos do Antigo Testamento. Para demonstrar esta diferenciação daquela, pode-se analisar um *kerygma* clássico, que é o primeiro sermão de Pedro. Sua mensagem foi denunciar o que haviam feito com Cristo, seus milagres, sofrimento, morte e ressurreição e glorificação, porém o ponto central é Sua morte e ressurreição. Como fruto deste primeiro sermão, os ouvintes foram compungidos (2.37 ARA), aflitos (NVI), em outras traduções: tocados, feridos, picados. Do grego, *nuss* significa espetar, como se um punhal tivesse atravessado o coração deles. Em seguida lhes proclamou arrependimento. Uma pregação assim tem o poder de “atirar uma flexa que atinge em cheio o coração do pecador até que este se dobre em agonia, clamando pelo perdão divino”.¹⁶

Analisando-se os Atos dos Apóstolos, está em evidência este tipo de anúncio que evidencia a morte e ressurreição de Cristo e o ato de arrepender-se¹⁷. Quando os discípulos foram inquiridos sobre a cura do coxo, estes acusaram as autoridades de terem matado o autor da vida, enfatizaram sua ressurreição e conclamaram os ouvintes ao arrependimento e à conversão (3.11). Na dispersão da igreja, Felipe “pregando a palavra [...] anunciava-lhes a Cristo” (8.4). Quando Simão, o mago, solicitou aos discípulos o mesmo “poder”, foi duramente repreendido, pois, usaria-o para benefício próprio (8.9). Felipe, ao interpelar o eunuco de

¹⁶ MOEN, Ernest J. **O pastor pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 639.

¹⁷ Todas as citações deste parágrafo foram extraídas do livro de Atos.

Candace, “anunciou-lhe Jesus” (8.35). Paulo “pregava nas sinagogas a Jesus” (9.20), demonstrando que Ele é o Cristo (22); quando foi a Jerusalém ficou “pregando ousadamente em nome do Senhor.” (9.28). Ao centurião Cornélio e aos da sua casa, Pedro anunciou que “Este é o Senhor de todos”, o que foi pendurado no madeiro e ressuscitado ao terceiro dia por Deus (10.36,39,40), o qual mandou que os apóstolos o pregassem como Juiz de vivos e de mortos (42) e no seu “Nome” a remissão de pecados (43). Em Antioquia anunciou-se “o evangelho do Senhor Jesus” (11.20). Em Antioquia da Pisídia, num discurso na sinagoga, Paulo falou da morte de Jesus (13.28), “mas Deus o ressuscitou dentre os mortos” (13.30,33-35,37) e “anunciou remissão de pecados por intermédio d’Este” (38). Quando Paulo e Barnabé foram para Icônio, ficaram “falando ousadamente acerca do Senhor.” (14.3). Em Tessalônica, Paulo demonstrou que era “necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos” (17.3). Enquanto Paulo esperava Silas e Timóteo em Atenas, pregou-lhes “a Jesus e a ressurreição” (17.18), “que todos em toda parte se arrependam” (30), “por meio do varão que para isso ordenou; [...] ressuscitando-o dentre os mortos.” (31). Apolo em Éfeso falava “com precisão a respeito de Jesus” (18.25). Depois que Paulo chegou ali, “muitos dos que haviam crido vinham, confessando e revelando os seus feitos.” (19.18). Falando na despedida em Éfeso, Paulo disse que testificou, “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus” (20.21). Paulo dava tanta ênfase à ressurreição de Cristo em sua mensagem que causou tumulto diante do Sinédrio quando foi interrogado (23.6) e admitiu que estava sendo julgado por causa disto (24.21). Em sua defesa diante de Festo, Agripa e Berenice, Paulo disse que foi enviado para pregar “que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento” (26.20) e “como o Cristo devia padecer, e como seria ele o primeiro que, pela ressurreição dos mortos, proclamaria luz” (26.23). Aos judeus de Roma Paulo tentou per-

suadir a respeito de Jesus (28.23). O livro de Atos encerra de forma contundente que Paulo estava “pregando o reino de Deus e ensinando as coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo” (28.30).

O que se percebe nestes textos é que o eixo das mensagens girava em torno de três assuntos: Cristo como Senhor, sua morte e ressurreição e confissão de pecados (ou arrependimento). Os milagres, sinais e maravilhas sempre eram derivados desta pregação, sem eles incitarem o povo a deseja-los. O *kerygma* apostólico

consistia de três partes: 1) uma proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus; 2) a consideração de Jesus como Senhor e também como Cristo; e 3) uma convocação ao arrependimento e a receber perdão de pecados [...]. Assim, o *kerygma* em sua plenitude reunia uma proclamação histórica, uma consideração teológica e uma convocação ética.¹⁸

Há um incrível poder na cruz de Cristo. Poder para despertar a consciência mais adormecida, e derreter o coração mais duro; para purificar o impuro; para reconciliar aquele que está afastado, restaurando-o à comunhão com Deus; para redimir o prisioneiro de suas algemas e levantar do lixo o mendigo; [...] para transformar nossas personalidades instáveis à imagem de Cristo [...]. Tudo isto faz parte da salvação que Deus opera nos homens e mulheres através do *kerygma* de Cristo crucificado. A palavra da cruz é poder de Deus. (1Co 1.18)¹⁹

Assim, tem-se que, para fazer frente aos avanços da Teologia da Prosperidade, a ênfase deve recair sobre o modelo apostólico de anúncio do evangelho, evidentemente sabendo-se contextualizá-lo aos tempos atuais.

3.2 Políticas de cuidado em detrimento do ativismo religioso

Numa sociedade onde o fazer e o ter é valorizado mais que o ser, é natural que este sentimento invada também os lugares mais sagrados, as-

¹⁸ STOTT, John. **O perfil do pregador**. 2. ed. São Paulo: Sepal, 1997. p. 49-50.

¹⁹ STOTT, 1997, p. 149-152.

sim, vem-se muitos líderes e pessoas preocupadas em atender uma agenda religiosa que prioriza o “fazer a obra”, e no desejo descontrolado por títulos e posições vendem a própria alma, esquecendo-se muitas vezes, a exemplo da Parábola do Bom Samaritano, que existem muitos caídos a beira do caminho esperando ajuda, enquanto os religiosos passam de largo.

A implementação de políticas de cuidado, onde se valoriza o ser e a pessoa, poderá ser uma resposta ao vazio existencial dos equívocos causados pela Teologia da Prosperidade. O cuidado tem haver com a promoção de comunidades acolhedoras e inclusivas, onde os feridos tem amplo espaço de serem curados e libertos para viverem em plenitude de vida. Desta forma, o individualismo dá lugar ao encontro curativo com o próximo e o cuidado com o próximo proporciona o encontro com Deus. Entretanto, neste mesmo sentido de prevenir o ativismo, é preciso encontrar o coração de Deus na solitude.

A pessoa que não suporta a solidão deve tomar cuidado com a comunhão. Ela só causará dano a si mesma e à comunidade. Quem quer ter comunhão sem ficar solitário, cai no abismo vazio das palavras e emoções. Silenciar, nada mais significa do que estar à espera da Palavra de Deus e regressar abençoado por ela. Silenciar nos capacita a dizer a Palavra de Deus correta na hora certa.²⁰

3.3 Adesão à militância profética

A militância profética nos remete a homens como Martin Luther King, Mohandas Gandhi e ao próprio Cristo, cujas vidas foram marcadas por denunciar injustiças sociais e a opressão que os poderosos impunham sobre os mais fracos. Todos estes se opuseram de forma veemente contra

²⁰ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 58-61.

qualquer tipo de violência, justificada ou não, porém morreram como mártires de forma violenta.

Esta postura afronta o neopentecostalismo, pois este, ao implementar a Teologia do Domínio, dá as mãos a sistemas opressores que tentam espoliar mercadologicamente os fiéis, tentando exercer domínio sobre os mesmos, como também se apropria dos instrumentos político-econômicos para obter influência e exercer poder nos vários segmentos da sociedade.

O que torna a tentação do poder aparentemente tão irresistível? Talvez porque o poder ofereça um fácil substituto para a difícil tarefa de amar. Parece mais fácil ser Deus do que amar a Deus, mais fácil controlar as pessoas do que amá-las, mas fácil ser dono da vida do que amar a vida. Jesus pergunta: “Você me ama?” Nós perguntamos: “Podemos sentar à tua direita e à tua esquerda no teu reino?” (Mt 20.21).²¹

O exemplo de Cristo sustenta que os seres humanos destinam-se a amar e a serem amados; busca derrotar a injustiça, não pessoas; resiste à violência com grandeza de alma; sustenta que o sofrimento pode educar e transformar; reconhece os ferimentos, a violência e o sagrado (imagem de Deus) uns nos outros; é um processo de arrependimento e transformação de realidades opressoras; é uma jornada espiritual que sai do medo, do desespero e da ganância rumo à compaixão, ao equilíbrio e à integridade.²²

3.4 Aprendizado teológico para os líderes

As igrejas pentecostais no Brasil, em função da prioridade evangelística que lhe é peculiar, têm, em sua maioria, relegado para segundo plano a necessidade da formação teológica de seus e pastores e líderes. O argu-

²¹ NOUWEN, Henri J. M. **O perfil do líder cristão do século XXI**. 2. ed. Belo Horizonte: Atos, 2002. p. 47-60.

²² BUTIGAN, Ken. **Da violência à integridade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 22-147.

mento utilizado para isto era de que sendo a vinda de Jesus iminente, não haveria necessidade de muito preparo, pois assim, maior número de pessoas seriam salvas do inferno. A Assembleia de Deus, embora também tenha no passado utilizado este argumento, mais recentemente tem se destacado no ensino teológico de seus líderes²³, com a criação de escolas teológicas e cursos nos mais variados níveis, mas diante da amplitude e dimensão que esta igreja tem alcançado, existe um grande espaço acadêmico a ser preenchido por esta instituição.

A Teologia esboçada pela Assembleia de Deus, tem sido tímida em relação a academia. Durante muitos anos foi um ensino simplista, superficial e de curta duração, seguindo o modelo sueco de semanas bíblicas. Este despertar tardio acalentou uma Teologia mais devocional e intimista, que tem seu valor e necessidade numa relação com Deus, mas, em certo sentido, é despreocupada em preparar líderes com conteúdo teológico relevante. Este modelo ainda acontece hoje em muitas igrejas, e traz subjetivamente o medo e o preconceito teológico. A influência sueca, embora reconhecesse que seria necessário um “maior preparo teológico para os obreiros, [ênfatizavam que] as Escolas Bíblicas seriam suficientes.”²⁴

Logicamente que este medo subjetivo tem certo sentido, quando escolas e professores de Teologia defendem com arrogância suas posições de conhecimento e, ao invés de agirem com espírito profético e crítico no bom sentido, criam celeumas doutrinárias e nichos de rebeldia em relação aos líderes e alienação em relação ao serviço que a Teologia deve prestar à igreja. Mas é certo que muitas escolas e professores de Teologia sabem se portar com humildade diante de suas comunidades, tornando sem sentido o medo que algumas lideranças têm da Teologia.

²³ Embora oficialmente exija-se que os candidatos ao ministério tenham uma formação mínima, na prática, em alguns casos isolados, releva-se esta exigência, prevalecendo algumas conveniências e lobby da liderança.

²⁴ ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 282.

Percebe-se que a Teologia devocional tem tido problemas para lidar com as tendências neopentecostais, pois tem se deixado influenciar, em boa medida, por estas. Portanto, a teologia da prosperidade é filha da rejeição histórica das igrejas pentecostais a uma teologia séria e relevante, que tenha seu espaço e acolhida na igreja e que desfrute da confiança de seus líderes. A Teologia devocional é importante e tem sido o mínimo de preparo que muitos líderes tem tido, o que é bom, porém a teologia acadêmica é a que previne contra desvios doutrinários. Somente esta sabe argumentar com clareza diante dos subliminares apelos, disfarces e nuances que a Teologia da prosperidade impõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos vários fluídos de fluxo e refluxo que a modernidade líquida cria, faz-se necessário refletir sobre os desafios a enfrentar, respostas a dar, pessoas a consolar; especialmente pelo Pentecostalismo, alvo deste artigo. Por isso se propõe algumas soluções ao resgate do Pentecostalismo clássico, não exaustivas, mas que abrangem alguns itens importantes defendidos por seus fundadores. Obviamente que o referido resgate deve respeitar a contextualidade social, econômica, política e religiosa, levando em conta os tempos de “modernidade líquida”²⁵, com seus pontos positivos e negativos, desafios e possibilidades.

O diálogo saudável entre a academia e a igreja é a garantia de que ambas seguirão no caminho da cruz, construindo uma Teologia relevante para que comunidades sejam atingidas pela Palavra viva e pela verdade libertadora e inclusiva de Cristo. Logicamente que a todo diálogo sério se permitem certas controvérsias e discrepâncias, entretanto é neste afiar de ideias que se constrói um futuro sadio para o pentecostalismo, evitando-se

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258 p.

que este se equivoque diluindo-se diante de verdades absolutas, ou engessando-se diante de verdades relativas.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BARTZ, Alessandro. Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas. In: Congresso Internacional da Faculdades EST, 2012, São Leopoldo. Anais do I Congresso de Teologia da Faculdades EST. São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. p. 266.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258 p.

Bíblia Sagrada NVI. Português. São Paulo: Vida, 2000.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BUTIGAN, Ken. **Da violência à integridade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2002.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, vol. II, nº 2, p. 7-28, jul. 2011.

MENCHEN, Denise; BRISOLLA, Fabio. Católicos passam de 93,1% para 64,6% da população aponta IBGE. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1112382-catolicos-passam-de-931-para-646-da-populacao-em-50-anos-aponta-ibge.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

MOEN, Ernest J. **O pastor pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

NOUWEN, Henri J. M. **O perfil do líder cristão do século XXI**. 2. ed. Belo Horizonte: Atos, 2002.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, vol. I, nº 1, p. 23-62, jul. 2010.

STOTT, John. **O perfil do pregador**. 2. ed. São Paulo: Sepal, 1997.